

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO DA MATEMÁTICA: ENSINAR E APRENDER ALÉM DOS CONTEÚDOS

Tereza Cristina Bastos Silva Lima

Colégio Estadual de Vila de Abrantes, terezacristinabastos@gmail.com

Resumo

Este trabalho procura investigar um dos aspectos da difícil realidade educacional: o ensino da Matemática. Dessa forma, elencamos como aporte teórico a concepção histórico-cultural, que concebe o ser humano como ser único, formado de razão e emoção, além de ser cultural, essencialmente instituído nas e pelas relações sociais, as quais são intercedidas por símbolos. Portanto, esse processo de apropriação do conhecimento pelos estudantes é mediado, tendo como principal agente mediador o educador. Apesar disso, as relações estabelecidas entre educador e educando, não possuem exclusivamente caráter cognitivo, mas, também, forte elemento afetivo. Assim, essa dimensão pode causar movimentos em dupla direção: positivo, quando colabora para a aproximação do estudante com o saber, mas também, sendo negativo, produzindo um movimento de afastamento ao conhecimento. Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica, já que conversaremos sobre a temática com base nos estudos de Freire (1996); (1987) que aponta a respeito da importância do diálogo, bem como de uma pedagogia mais autônoma e Marchand (1985) que discorre no que tange a afetividade do professor, e DIAS & ROSIN (2012) que assinala que a afetividade é imprescindível para a apreensão do conhecimento; e por último, Gómez-Chácon (2003), que aborda a respeito do importante papel que o domínio afetivo desempenha na aprendizagem da Matemática. Compreendemos que a conexão formada a partir das relações entre o professor e estudante ergue um alicerce benéfico no que diz respeito à formação intelectual, social, emotiva do discente. Até porque, sem a existência desse vínculo o processo de ensino e aprendizagem apresenta uma lacuna, principalmente, quando falta a afetividade na relação. Esperamos que este estudo contribua para a compreensão da importância da afetividade para relação mais saudável entre estudante e professor no ensino médio da escola pública, levando a uma prática pedagógica mais humanizada, haja vista, percebermos o quanto a aprendizagem se torna mais significativa quando existe afetividade na relação existente entre docente e discente.

Palavras-chave: aprendizagem, afetividade, Matemática.

Introdução

Compreendemos que a relação de ensino e aprendizagem é uma relação que possui como mediador o professor. Assim, essa relação apresenta diferentes reações nos alunos, entre eles, os de natureza afetiva. Assim, impactos afetivos positivos, faz com que os estudantes transformem informações em aprendizagens, todavia, quando negativos, provocam efeito contrário, ou seja, os alunos acabam não conseguindo aprender.

Asseveramos que a relevância da afetividade aplicada aos adolescentes seja muito importante, até porque a relação formada pelo docente e discente, só surtirá o efeito desejado se ambos estiverem afetivamente envolvidos. Dessa forma, o professor tem um papel fundamental no processo de ensino e de aprendizagem da Matemática.

Acreditamos que a afetividade se configura em um dos meios essenciais da educação, haja vista, estudos que demonstram que o ser humano é biológico, psicológico, social e principalmente afetivo. Dessa forma, necessário se faz uma mudança de postura, no que tange uma boa relação afetiva entre as pessoas, principalmente no que tange a relação professor e aluno para que ocorra uma convivência harmoniosa e produtiva.

Todavia, o que podemos perceber ao longo dos anos, é que a devida importância a afetividade não está ocorrendo na sala de aula, o que está causando um desconforto na relação entre professor e aluno, principalmente no que diz respeito ao ensino da matemática. Assim, se cria uma grande barreira entre o que se é ensinado e o que é aprendido. Acreditamos que a falta da afetividade seja uma das principais causas da reprovação dos alunos nessa disciplina.

Tentando buscar algumas respostas as nossas inquietações nos debruçamos no presente trabalho de caráter qualitativo e bibliográfico, nos fundamentando em Max Marchand (1985) que aborda a respeito das implicações na relação entre docente e discente e suas decorrências; Dias e Rosin (2012) que nos apresenta compreensão com relação as experiências vividas pelo educador e educando como componente indissociáveis; Freire (1996) que debate a respeito de uma relação professor e aluno com uma maior aproximação e por último, Gómez-Chácon (2003), que aborda a respeito do importante papel que o domínio afetivo desempenha na aprendizagem da Matemática.

O trabalho está disposto com a seguinte configuração, no primeiro tópico apresentamos a afetividade entre educador e educando, a importância da afetividade nos campos escolares e no segundo tópico fazemos algumas reflexões acerca da relação professor e aluno dando ênfase a afetividade para o ensino da Matemática no ensino médio.

Afetividade na relação entre professor e aluno: elemento essencial para a aprendizagem

A escola do ensino médio, está preocupada pela formalidade, pela transmissão do conhecimento. Percebemos nesse local que o vínculo estabelecido entre educador e educando e configura em uma relação mais formal, no entendimento de que o aluno, agora é um adolescente, não necessitando de um acompanhamento, como nas séries iniciais. Todavia Sarnoski (2014 p.1) esclarece que “precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade.”

Muitas vezes percebemos que na Escola alguns educadores apresentam atitudes insensíveis o que diz respeito a sua relação com os alunos, provocando no mesmo insegurança, fragilidade e

até baixo desempenho na disciplina Matemática, as vezes, esses alunos, apresentam um certo receio na influência mútua acabando por se prejudicar em seu aprendizado, este fato, nem sempre é percebido pelo professor. Dessa forma, é imprescindível que exista afeto entre essa relação. Para Marchand (1985, p. 18):

[...] resultado da posição sentimental do mestre: o autoritário provocará o temor inibitório do aluno; o que procura se fazer amar provocará na criança reações de complacência; aquele que se mostra maldoso despertará sentimentos e atitudes de oposição que levarão a uma educação contrária à desejada (p. 18).

Apesar do autor refere-se a crianças, em sua afirmação, podemos transportar esse sentimento também aos adolescentes do ensino médio. Até porque, este sentimento que o aluno passa a desenvolver é ruim para todos, pois que sendo o educador um exemplo, o educando poderá futuramente repetir as atitudes do seu mestre. Dessa forma, refletir acerca dessas atitudes de autoritarismo, de não sentimentalismo, ou até mesmo falta de respeito ao tempo de aprendizagem de cada estudante, ou seja, o professor que se acha detentor do saber, acaba ignorando o tempo do estudante, a sua história, seu esforço para estar naquele ambiente de aprendizagem, não se preocupando com seus sentimentos, muito menos se o mesmo conseguirá transformar as informações em conhecimentos ou simplesmente desistirá e acabará abandonando a escola, como acontece muitas vezes. Em consonância com Dias & Rosin (2012, p. 7):

[...]a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno se constitui elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Por isso, a qualidade da interação pedagógica deve ser buscada com muita primazia, pois é ela que vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas.

Partindo desse pressuposto, podemos verificar a importância do professor reflexivo no que tange as suas ações em sala de aula, principalmente o professor de Matemática, se interrogando respeito a sua forma de ver, conceber e ensinar, se percebendo responsável com o aprendizado do seu aluno, se tem procurado desenvolver em suas aulas o diálogo. Assim, essa troca é um instrumento importante para o processo de ensino e de aprendizagem, haja vista a existência de um bom diálogo entre educador e educando possibilitar uma maior troca de conhecimentos, já que a partir do momento que o educador também se institui como ser em processo também de aprendizagem, e precisa ter consciência disso. Freire (1996, p.23) assevera que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os

conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém.

Portanto, ensinar demanda por parte do educador total atenção no que se faz, é uma ação muito séria e que é necessita desses profissionais um envolvimento maior. É necessário ter em mente que ao ensinar ele estará transformando pessoas, contudo como foi enfatizado é imperativo que o docente reflita a respeito das suas atitudes. Paulo Freire (1996, p.38) observa o quanto é importante o professor refletir no que tange as suas práticas de forma crítica, endossando que: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. ”

Infelizmente, durante muito anos o ensino tradicional se manifestou dentro e fora da sala de aula. Esse ensino possui uma propriedade marcante, muitas vezes associado uma maneira de ensino grosseiro, porquanto neste os docentes não apresentavam uma afinidade dialógica com seus educandos, ocasionando um maior distanciamento entre aluno e professor. Dessa forma, a palavra afeto nesta tendência era m sentimento muito distante, já que o docente se sentia acima do discente e neste sentido é impraticável existir uma relação de diálogo harmônico entre s mesmos. Assim, as repreensões, os castigos, os gritos depositavam o professor em atitude autoritária e o detentor de toda sabedoria soberana e total, os estudantes compareciam a escola simplesmente para ouvir e não interagir. De acordo com Queiroz e Moita (2007, p.3):

O papel do professor estava focado em vigiar os alunos, aconselhar, ensinar a matéria ou conteúdo, que deveria ser denso e livresco, e corrigir. Suas aulas deveriam ser expositivas, organizada de acordo com uma sequência fixa, baseada na repetição e na memorização.

Desta forma, o ensino a despeito de na atualidade ter ocorrido alguns avanços, além disso encara muitas dificuldades deparadas por muitos educadores, como por exemplo oferecerem suas aulas sem recursos, com salários baixos, não tendo formação continuada, esses e outros fatores que a categoria considera danosa para um melhor incremento em seu trabalho. No entanto, é necessário deixar bem claro, que os professores não podem ser “culpados” de toda a mazela com que sofre a educação atual.

Compreendemos que a escolha da profissão é muito importante. Até porque, o nos depararmos com a formação de educador desenvolveremos estruturas que irão afetar nossos estudantes, como a forma em que o tratamos, que poderão prejudica-los ou fazer com que eles avancem no conhecimento. Cremos, que o educador

além do seu papel de educar, deve procurar que o aluno o veja como um amigo, como alguém que o estende a mão e mostra caminhos mais leves.

A afetividade no contexto escolar

É fato que a vida do profissional de educação, não está passando por uma boa fase. Nos deparamos com professores bastantes estressados, insatisfeitos, descarregando toda a sua frustração em seus estudantes, tratando-os de maneira grosseira. No entanto, esse estresse deriva de muitas responsabilidades, carretando sérios problemas de saúde e principalmente problemas psicológicos, em muitos dos casos provocando o afastando parcial ou total do profissional.

Ponderamos importante advertir que o educador não deve se deixar levar por seus sentimentos, o fato de o mesmo não conseguir se afeiçoar-se tanto com um aluno ou o contrário, gostar demais do mesmo. Não pode permiti-lo de agir sem refletir antes, muito menos, fazer com que ele tome uma atitude que possa vir de alguma forma prejudicar seus alunos. Assim, para ser um verdadeiro educador é necessário que se coloque em prática todos os dias as reflexões a respeito do que é ser educador. Em consonância com MARCHAND (1985, p.19):

As reações sentimentais do professor variarão em função de cada aluno, segundo seus êxitos escolares, seu comportamento, seu caráter. Na prática pedagógica que coloca frente a frente o educador e o aluno, podem surgir atração ou repulsão como resultados do confronto entre os dois caracteres. Todas estas atitudes sentimentais influem sobre as metodologias, como o risco de alterá-las, e provocam na criança, rudes transformações afetivas mais ou menos desfavoráveis ao ensino.

Embora o autor está se referindo as crianças, nada nos impedi de relacionar essa afirmação aos nossos adolescentes do ensino médio graduandos. Até porque, a relação existente entre o professor e uma criança, não foge muito a regra da relação entre professor e adolescente, no ponto de vista da afetividade. Dessa forma, é imprescindível a cultura do diálogo, fazendo com que o professor tenha uma postura profissional, não permitindo que seu sentimento com relação ao seu aluno interfira de forma negativa na sua relação com o mesmo. Assim sendo:

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronuncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há

homens que, em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 1987, p.46).

Ponderamos que a construção de uma boa relação entre educador e educando na escola do ensino médio é um dos caminhos para o desenvolvimento de saberes de ambos os aprendizes, ou seja, tanto do educador quanto do educando. Assim, a experiência vivida no dia a dia por meio do diálogo possibilitará aos sujeitos envolvidos, conhecimentos mais substanciais. Dessa forma, é necessário desenvolver na escola a cultura do amor que segundo Freire (1987) o fundamento do diálogo é o amor, aí tornará essa relação mais afetiva.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo dos dominados. Amor, não, porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. (p. 45).

Portanto, na escola de ensino médio existem seres humanos que precisam de educadores que os tratem com afeição, necessitam de educadores que estejam preocupados com que tipo de formação estão dando aos seus discentes. Assim, os professores carecem de fazer com que seus alunos reflitam a respeito do que eles farão quando sair da escola, que profissionais irão ser e de que forma desenvolverão desenvolver as suas aptidões.

Refletindo sobre o papel da afetividade no ensino da matemática

Verificamos na escola do ensino básico a aversão que os alunos sentem, quando se trata da disciplina Matemática. Todavia, percebemos que a mesma que provoca aversão, torna-se uma disciplina maravilhosa, quando os alunos se dão conta de que ela tem aplicabilidade em ações do seu cotidiano. Assim, sentimentos e crenças envolvem o ensino de Matemática, dificultando ou facilitando o seu aprendizado.

De acordo com Silva (2009), os professores enfrentam um grande desafio em desenvolver nos alunos o gosto pela Matemática, a compreensão por parte deles que a matéria pode se tornar fácil, se o mesmo perceber a facilidade em aprendê-la. Assim, necessário se faz, que os professores não apenas dominem o conteúdo e os procedimentos, mas também, de que forma o processo do conhecimento se desenvolve nos alunos.

Segundo Gómez-Chácon (2003) o domínio afetivo desempenha um papel importante na aprendizagem da Matemática, além de interferir na qualidade dessa aprendizagem. Assim, o que vem chamando a atenção dos pesquisadores no que diz respeito a perspectiva afetiva é a resolução de problemas. Desta forma, quando os

estudantes não conseguem resolver determinados problemas eles experimentam emoções negativas, como por exemplos, tristezas e frustrações, os levando ao bloqueio do seu desenvolvimento, os fazendo, muitas vezes, desistir de estudar.

Gómez-Chácon(2003), esclarece que as crenças dos alunos com relação aos conteúdo ou atividade de matemática, podem provocar bloqueios, bem como, leva-los a estados afetivos negativos. Dessa forma, McLeod (1992), argumenta que as emoções positivas podem vir associadas à construção de novas ideias, as negativas, por sua vez, bloqueiam essas ideias, fazendo com que os discentes estabeleçam ideias distorcidas no que tange a aprendizagem da Matemática na resolução de problemas.

Assim sendo, é possível chegar à conclusão de que a afetividade com relação ao ensino da Matemática se compõe de culturalidade e racionalidade. Desta forma, afirmamos que atitudes, crenças e emoções são aspectos determinantes para a aprendizagem, haja vista, que a afetividade dar impulso a aprendizagem.

Em consonância com Chácon (2003), ao aprender Matemática o aluno recebe estímulos contínuo, sejam através dos problemas, ou até mesmo pela ação desempenhada pelo professor, provocando nele uma certa tensão, bem como uma reação emocional positiva ou negativa, que por sua vez, vai depender do que ele pensa sobre si mesmo e sobre a matemática.

Ao aprender matemática, o estudante recebe estímulos contínuos associados a ele – problemas, atuação do professor, mensagens sociais, etc., que geram nele uma certa tensão. Diante desse estímulo reage emocionalmente de forma positiva ou negativa. Essa reação está condicionada por suas crenças de si mesmo e sobre a Matemática. (CHÁCON, 2003, p.23).

Dessa forma, concluímos que o processo ensino e aprendizagem está vinculado tanto a forma como o professor atua ao ensinar determinado conteúdo, quanto a experiência vivenciada pelo aluno com a matemática. Assim, podemos afirmar que os afetos positivos são marcados pelo anseio de um contato mais substancial e mais duradouro com objeto de conhecimento. Enquanto que, os negativos provocam o distanciamento do objeto. Portanto, quanto mais haver afetividade na relação entre o professor e o aluno, mais a aprendizagem será concretizada.

Conclusões

Por meio desse estudo, constatamos que os discentes desenvolvem a aprendizagem a partir do momento em que a relação aluno/professor

está pautada na e para a afetividade positiva. Até porque, ao se construir e se estabelecer a cultura de afetos, tanto com o educador, quanto pelos educandos, essa relação influenciará sobremaneira na aprendizagem.

Assim, ao percebermos as expressões dos nossos alunos no que diz respeito a disciplina Matemática, poderemos criar caminhos que possam fazer com que eles compreendam que essa disciplina é importante para o seu cotidiano.

Ressaltamos a importância de pesquisas voltadas a compreenderem a relação existente entre afetividade e aprendizagem da matemática e de que forma podemos utilizar o afeto no processo de ensino e de aprendizagem matemática.

Ponderamos que o profissional em sua prática, não é obrigado a desenvolver a sua afetividade com os estudantes, todavia, essa postura é conveniente caso ele deseje que seus alunos possuam uma aprendizagem eficaz.

Assim, enquanto tiver professores tratando os seus educandos com indiferença, pensando que afeto e carinho são ações “supérfluas” para adolescentes, principalmente no que diz respeito ao ensino da matemática, o quadro que ora se apresenta não se modificará.

Dessa forma, esperamos sinceramente, que os professores percebam que o discente desenvolverá de forma mais humana e integral seu potencial quando esses tiverem o apoio dos seus educadores.

Referências

CHACÓN, I.M.G. **Matemática Emocional: os afetos na aprendizagem matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DIAS, Priscila Dayane de Almeida, ROSIN, Sheila Maria: **A afetividade na relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino e aprendizagem**. Maringá: UEM, 2012

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996

FREIRE, Paulo: **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1970

MARCHAND, Max: **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, Maringá: UEM, 2012
1985

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa (2009). **Profissão Docente**

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. Profissão docente. **Salto para o futuro**. Ed. Especial. Ano XIX, n 14, outubro de 2009. p.1-8



QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de, MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro: **As tendências Pedagógicas e seus pressupostos**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007

SILVA, V.A. **Por que e para que aprender Matemática?** São Paulo: Cortez, 2009.